# Democracia Tecnológica - 28/08/2021

\_Feenberg mostra que há subdeterminação no desenvolvimento tecnológico\*\*[i]\*\*\_  
  
Feenberg entende o desenvolvimento tecnológico como espaço de disputa política  
a partir da formulação de uma teoria crítica da tecnologia influenciada pela  
Escola de Frankfurt, entre outros, tomando a tecnologia não como instrumental,  
mas a partir de valores éticos e políticos.  
  
\*\*Sociologia da Tecnologia\*\*. Há subdeterminação no desenvolvimento  
tecnológico[ii], ou seja, há várias soluções, por exemplo escolha entre  
agroecologia e agronegócio, etc. Como as soluções passam pelo tipo de  
realidade ou ordenamento social que criam, as decisões não se limitam aos  
elementos instrumentais e cognitivos, posto que trazem consequências e, assim,  
“tecnologia e sociedade se conformam mutuamente constituindo, na verdade, um  
ordenamento sociotécnico uno”.  
  
\*\*Teoria da dupla instrumentalização\*\*. Se passa que, para Feenberg, há um  
processo de redução de tudo a suprimentos e, depois, uma contextualização para  
a inserção no mundo humano, composto pelos quatros estágios que se seguem.  
  
\_Descontextualização e sistematização\_. Descontextualizar é isolar uma  
matéria-prima tornando-a útil para o desenvolvimento técnico, mas que possa  
ser sistematizada dentro do sentido humano, ex.: madeira \_para\_ construção ou  
o trabalhador que se descontextualiza do papel de pai para sistematizar o  
papel de funcionário.  
  
\_Reducionismo e mediação\_. Reduz-se algo da matéria-prima para ser usado, por  
exemplo, madeira de acabamento e não para celulose, mas que deve ser mediada  
por um tratamento estético. Retira-se do ambiente original para se inserir em  
um mundo social específico.  
  
\_Autonomização e identidade\_. A pessoa que gera a ação técnica se autonomiza  
no efeito gerado, porém vai sendo identificada com aquilo em um processo de  
interdependência que necessita de um limite (ou não, observado por cada um).  
  
\_Posicionamento e iniciativa\_. Como a ação técnica tende ao controle, ela cria  
uma hierarquia: posicionamento de quem manda e quem obedece, mas que pode  
deixar brechas para a subversão, essa a iniciativa. Isto é, o aumento de um  
reduz o outro e vice-versa. O capitalista indiferente perde humanidade e fica  
com o comportamento formatado.  
  
\*\*Racionalidade sociotécnica e democratização da tecnologia\*\*. Portanto, a  
racionalidade não é instrumental e, por isso, o desenvolvimento da tecnologia  
deve ser disputado democraticamente. Porém, são os códigos técnicos que  
imperam na construção de artefatos e soluções e que normatizam o trabalho  
técnico, muitas vezes ao preço da exploração humana e custando vidas, como nos  
mostra a história do desenvolvimento técnico.  
  
Então, a democratização tecnológica deve ser pautada pela \_subversão do uso\_ ,  
ou seja, trata-se de operar a tecnologia de forma diferente do projetado,  
\_regulação do desenvolvimento\_ , submetendo regulamentações a partir de  
controvérsias técnicas, e \_associação com os técnicos\_ , incorporando valores  
dos usuários[iii].  
  
A democratização só se dá com luta e, além de sindicatos e movimentos sociais,  
Feenberg traz a “rede de interesses” que se articulam entre pessoas com causas  
comuns durante algum tempo contra condições não aceitáveis, para transformar  
um aspecto específico da realidade sociotécnica (ex.: protesto contra uso de  
animais em experimentos).  
  
Contudo, muitas iniciativas são cooptadas pela tecnocracia capitalista que  
deverá ser derrubada para a implementação do socialismo democrático. Mas, é de  
caráter sociotécnico o desenvolvimento tecnológico, conforme esse texto nos  
mostra, e dois fatores usados pela Engenharia Popular no Brasil, a formação de  
consciência crítica e o desenvolvimento de metodologias contra hegemônicas são  
exemplos de caminhos para a democratização tecnológica.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] \_Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas\_. Organização de  
Jelson Oliveira e prefácio de Ivan Domingues, resultado da iniciativa do GT de  
Filosofia da Tecnologia da ANPOF. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020. Conforme  
capítulo 8, \_O desenvolvimento tecnológico é uma arena política\_ – Andrew  
Feenberg, por Cristiano Cordeiro Cruz.  
  
[ii] Segundo Cruz, como já mostraram Pinch e Bijker e Winner.  
  
[iii] Cruz traz como exemplo a Engenharia Popular Brasileira que será abordada  
ao final.